



sala preta é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP. As opiniões expressas nos artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores. Os artigos e documentos deste número foram publicados com a autorização de seus autores ou representantes.

Conselho Editorial

Antônia Pereira (UFBA)
Beatriz Cabral (UDESC)
Beth Rabetti (UNIRIO)
Christine Greiner (PUC-SP)
Flora Sussekind (UNIRIO)
Jacó Guinburg (USP)
Mariângela Alves de Lima
Sábato Magaldi (USP)

Coordenação Editorial

Luiz Fernando Ramos
Sílvia Fernandes

Projeto Gráfico

Yvone Saruê

Capa

Tânia Marcondes

Revisão e Editoração

Discurso Editorial

Universidade de São Paulo

Reitora

Suely Vilela

Vice-reitor

Hélio Nogueira da Cruz

Escola de Comunicação e Artes

Diretor

Luís Milanesi

Vice-Diretor

Mauro Wilton de Souza

Presidente da Comissão de Pós-Graduação da ECA-USP

Maria Immacolata Vassalo Lopes

Coordenador do Programa de Pós-Graduação da ECA-USP

Luiz Fernando Ramos

Departamento de Artes Cênicas

Chefe

Felisberto Sabino da Costa

Vice-Chefe

Fausto Viana





A revista reúne neste número trinta e sete colaboradores, de diversos programas de pós-graduação e quadrantes do fazer cênico no país. Mais do que nunca pretende expressar perspectivas contrastantes de temas e eixos que vem mobilizando, contemporaneamente, a pesquisa em artes cênicas em todo mundo. Nesse sentido, mantém o hábito dos últimos números e publica dois artigos de pesquisadores estrangeiros de ponta e dois textos de renomado encenador italiano.

A primeira retranca, em torno do tema da recepção, foi organizada por Flávio Desgranges, um dos pesquisadores brasileiros que vem liderando as investigações neste campo. Ele seleciona um texto de Eugênio Barba, sobre sua forma de conceber o espectador futuro, com quem dialoga durante o processo de constituição de um espetáculo. O próprio Desgranges apresenta uma reflexão sobre o que chama de “ato do espectador” na cena contemporânea, contrastado com as relações do público e a cena no drama burguês e no drama moderno. Nesse olhar trans-histórico percebe particularidades no espectador contemporâneo, que tornam sua atuação frente ao teatro dito pós-dramático, em si mesma, um ato criativo. Outro pesquisador pioneiro no campo da recepção, Cláudio Cajaíba, discute o conceito de “atmosfera” do alemão Gernot Böhme, e o faz a partir de uma série de espetáculos apresentados no *Theatertreffen* (Encontro de Teatro) realizado na cidade de Berlim, em maio de 2008. Marcelo Soler aplica uma diferenciação habitual ao cinema, entre ficção e documentário, ao teatro e especula criticamente sobre a posição relativa do espectador frente ao teatro documental. Biange Cabral ilumina os caminhos da recepção espetacular no que diz respeito aos processos pedagógicos, evidenciando que os instrumentos mais eficazes para potencializar a fruição do espectador aluno encontram-se na possibilidade de reenviar o seu olhar para o processo criativo e, eventualmente, chegar a modificá-lo. Clóvis Massa empreende um esforço de organização e síntese dos estudos da recepção teatral no contexto maior dos estudos da recepção, demarcando os principais avanços realizados no século 20. Edécio Mostaço traça um panorama da estética da recepção numa perspectiva mais aberta, discutindo suas raízes na filosofia romântica e projetando seus desdobramentos contemporâneos. Coroando esse abrangente dossiê em torno do tema das relações entre espetáculos e espectadores, Giuliana Simões testa os procedimentos da estética da recepção no caso específico da relação problemática entre o teatro e o modernismo no Brasil.

Na retranca Teatro Brasileiro concentram-se trabalhos que apontam tendências manifestas na dramaturgia e na cena contemporânea. Kil Abreu discute a predominância do narrativo como elemento central das encenações a partir da dramaturgia de dois dramaturgos: Newton Moreno e Marcelino Freire. Discute também as práticas do teatro de grupo e o conceito de “experiência” na confluência da forma do drama com o processo social. Berenice Raulino retoma um antigo espetáculo de Antunes Filhos, “Gilgamesh” para discutir a narrativa cênica e pontuar como naquele caso a encenação propõe o convívio atemporal de homens e mitos. Marici Salomão parte de sua formação como dramaturga para registrar as principais experiências com o ensino e a pesquisa de dramaturgia no país, e argumentar sobre como são imprescindíveis essas iniciativas. Felisberto Sabino da Costa amplia a noção de dramaturgia, estabelecendo relações com outras dimensões da textualidade dramática, como a geográfica e a cibernética, e expandindo-a no espaço urbano. Ali a noção de conflito se re-configura no campo das forças sociais e a própria forma dramática adere ao corpo da cidade.

O dossiê “Rainha{s}” reitera a tradição da revista de eleger, anualmente, um espetáculo que tenha a vocação de se tornar antológico na história do teatro brasileiro. Desta vez a escolha recaiu sobre o processo cheio de inventividade e riscos que resultou na montagem

de “Rainha{(S)} : duas atrizes em buscas de um coração”. Quem apresenta o dossiê é Jacó Guinsburg, entusiasmado com os diversos achados que o espetáculo propiciou. A encenadora Cibele Forjaz expõe com todos os detalhes, e notável capacidade de teorização, o processo criativo em estreita parceria dela com as duas atrizes. Isabel Teixeira, a atriz que capitaneou a produção e ocupou-se de desenvolver uma metodologia própria de criação dramática, revela todos os passos dessa construção dramática *sui generis*, sem o acompanhamento de um dramaturgo de ofício. Georgette Fadel, a outra atriz, que emprestou sua própria experiência como encenadora para alimentar a criação das partituras cênicas, desvenda o caminho de pedras que ela e sua parceira percorreram para constituir suas personagens. Tica Lemos explica como colaborou na preparação corporal e Simone Mina apõe seu caderno de notas em que se explicita como cenário e figurinos se fizeram. Alessandra Domingues fala sobre a criação do desenho de luz e Lincoln Antônio sobre a trilha musical, apresentando também as partituras de todas as canções. Três críticas publicadas em jornais de São Paulo fecham o dossiê. Em meio a todo esse material, destaca-se o ensaio fotográfico de Roberto Setton com direção de arte de Simone Mina dando conta do espetáculo e da instalação que o circundava.

A retranca Performance abre com texto da pesquisadora canadense Josette Féral, uma das principais investigadoras do teatro hoje. Féral parte das noções de performance e performatividade, desenvolvidos por pesquisadores norte-americanos, para propor uma definição mais ampla que dê conta das práticas contemporâneas e que nomeia como “teatro performativo”. Arthur Belloni reflete sobre a dissolução da fronteira entre o vivo e o não-vivo no contexto das artes cênicas contemporâneas. André Gardel discute a performance na perspectiva da obra do compositor e poeta Arnaldo Antunes. Eleonora Fabião organiza a partir de exemplos concretos de performances no Brasil e no exterior uma teoria contemporânea do gênero. Lúcio Agra discute a experiência de uma pedagogia da performance, a partir do curso Artes do Corpo da PUC de São Paulo, e Antônio Araújo analisa a tendência atual de encenações não mais como totalidades fechadas, mas como obras em progresso que deixam ao espectador a possibilidade de também colaborar.

A retranca teoria traz a tradução de ensaio recente do pesquisador norte-americano S.E. Gontarski, a partir de pesquisa nos arquivos das editoras de Samuel Beckett. Analisando as cartas trocadas entre o escritor e seus editores, comprova a importância que o espetáculo foi adquirindo na textualidade beckettiana. Manoel Moacir Farias Jr. relaciona a leitura deleuziana das peças de TV de Beckett com espetáculos de Magui Marin e Marta Soares, e Jacó Guinsburg traduz discurso de Eugênio Barba na Universidade de Buenos Aires.

Na retranca Teatro e Pedagogia Gilberto Icle explora as possibilidades de utilização da antropologia teatral em processos de ensino e aprendizagem. Nara Kaiserman relata experimentos de construção dramática com alunos por meio de narrativas gestuais e Luciene Guedes comenta um experimento de criação de dramaturgia no grupo Folias D’arte de São Paulo.

Na seção Livros, são destacados dois lançamentos fundamentais de 2008. Os textos sobre teatro de Machado de Assis, organizados por João Roberto Faria e a dramaturgia reunida da Cia do Latão. Elisabeth Azevedo e Maria Sílvia Betti fazem as resenhas.

Como se perceberá, a Sala Preta apresenta agora resumo e palavras-chaves de todos os artigos científicos. Os interessados nos sete números anteriores poderão acessá-los através do sítio:

<www.eca.usp.br/salapreta>.